

ANEXO 17.1 – Excertos do livro O Mistério das Catacumbas Romanas (7.ºC)

Escola Secundária de Paredes
2012/2013



Figura 7 – O Mistério das Catacumbas Romanas (capa)

(Fonte: www.osprimos.com, acedido em 18/08/2013)

Aulas n.º50/51	31/01/2013
Tema B – A herança do Mediterrâneo Antigo Unidade B.2. – O mundo romano no apogeu do Império Subunidades: O Mediterrâneo romano nos séculos I e II Sumário: A padronização do urbanismo: pragmatismo e influência helénica.	
Experiências de Aprendizagem	
2. <u>Motivação: leitura e análise de excertos do livro <i>O mistério das catacumbas romanas</i>, nomeadamente as pp.97,98 e 100.</u> Através de diálogo orientado, os alunos deverão: ▪ identificar o assunto e os personagens inerente aos excertos lidos em cada momento; ▪ visualizar um vídeo sobre a construção do Coliseu sobre o lago artificial da Domus Aurea; ▪ compreender a grandiosidade e o caráter inovador das construções de Nero; ▪ analisar a maqueta da cidade de Roma no século II d.C. (ppt) e compreender a forma de organização do espaço urbano, identificar os edifícios e as diferentes funções.	
Excertos	
Cap. II, pp.97-98 “- Chegámos ao <i>Quadrivium</i> – anunciou Dragos. – Estamos mesmo por debaixo do Coliseu. - Incrível! – exclamou André ao observar os quatro túneis entrecruzados. – Debaixo da arena? A sério? - SE não acreditas, vem cá ver – sugeriu o romeno, dirigindo-se a uma nova escada de ferro que se enfiava por um túnel, no teto da galeria. Subiram, entusiasmados e com um certo receio. Ao chegarem ao topo ouviram vozes à distância. - Shiu! – advertiu Dragos, abrindo o alçapão por cima da sua cabeça. – Não façam barulho e saiam só quando eu disser.	

Esperaram uns minutos, pendurados nas escadas uns por cima dos outros, à espera do sinal, impacientes por ver com os próprios olhos se afinal era tudo verdade.

- Ok, o caminho está livre. Mantenham-se alerta.

Subiram à pressa, num silêncio difícil de manter. Espreitaram, com o nariz de fora, antes de sair. Não podiam acreditar no que viam. Acocorados dentro do que restava de uma antiga cela de gladiadores ou cristãos perseguidos, observaram o embrenhado sistema de galerias com paredes agora destruídas e repletas de musgo, onde séculos antes a vida de tantas pessoas se jogara diante das massas.

- No princípio chamava-se anfiteatro Flávio – sussurrou Dragos. – Só na Idade Média é que começaram a chamar-lhe *Colosseo*, por estar perto da estátua colossal de Nero.

Os primos acenaram. Já sabiam da história. Contudo não deixavam de admirar-se com a cultura do rapaz.

Por cima das suas cabeças viam raios de sol trespassando os diferentes andares, outrora cobertos de madeira.

Mais acima, cabeças de turistas agarrados aos corrimões tentavam vislumbrar as profundezas do anfiteatro.

Na relva, dezenas de gatos brincavam uns com os outros. «Estes sim, é que são os gatos de Roma», pensou Ana.

Dragos fez-lhes sinal para regressarem ao túnel.

- Venham! Ainda temos muito para ver.

Desceram de novo até ao *Quadrivium* e votaram a direção a tomar.

- Podem escolher: a passagem secreta do Monte Esquilino passa pela igreja de *S. Maria Maggiore*; a do Palatino leva-nos ao Vaticano, passando pelo *Palazzo Farnese* e pela igreja de *S. Giovanni dei Fiorentini*. A do Quirinale...

- Espera lá – interrompeu André. – Estás a querer dizer que um dos subterrâneos chega até ao Vaticano?

- É claro que o Vaticano não existia no tempo de Nero.

- Eu sei que não. O que estou a perguntar é se passa por debaixo do rio Tibre?

- Ah! Sim, passa. É o único subterrâneo escavado por baixo do rio. Outro milagre da arquitetura romana.”

Cap. II, p.100

“- É por aqui que se entra nos museus do Vaticano, onde está a Capela Sistina, a Biblioteca Apostólica, a Galeria dos Candelabros, o Museu Egípcio, etc.

Nem queriam acreditar! Um autêntico mundo subterrâneo ligado ao exterior através de mil entradas, todas declaradas nos mapas de Nero e mantidas em segredo por quase dois mil anos! E as catacumbas pareciam labirintos.”

Experiências de Aprendizagem

3. Leitura e análise de um excerto do capítulo VI, p.111, apoiada pela visualização e análise das plantas das cidades de Pompeia e de Nápoles (ppt). A partir desta sugestão dos *Primos*, os alunos deverão:

- compreender a padronização do urbanismo nas cidades do império romano e, em plenário, definir o conceito de urbanismo. Este será registado pelos alunos no caderno diário;
- compreender a importância do Fórum no espaço da cidade.

Excerto

Cap. VI, p.111

“- Aposto que quando te disser onde é, mudas de ideias – desafiou o pai e, voltando-se para a esposa, continuou: - É o tal que conhecestes no Quirinale. O Místico. Lembras-te?

Maria olhou para Ana e André com um ar incrédulo. Hugo apercebeu-se disso, mas não fez comentários.

- Não é meu amigo – explicou Sara. – Aparece em todos os eventos sociais da cidade! Conhece toda a gente. Mas não falo com ele desde então. E onde é a festa?

- Adivinhem! Digo-vos só que se chama *Festa dos Gladiadores!*

- No Coliseu? – exclamou André sem fôlego. (...)

- Tinhas razão, pai! – comprovou Ana sem perder tempo. – É claro que vamos à festa. Vai ser espetacular!

Não acham?

O dia da *Festa dos Gladiadores* chegou num instante. Os primos não voltaram a ver Dragos entretanto, até porque o fim de semana se tinha metido pelo meio e o rapaz não se via em lado nenhum. Visitaram Pompeia e Nápoles com os pais e aproveitaram para ver o resto da cidade de Roma no dia seguinte. (...)”

Experiências de Aprendizagem

4. Leitura de um excerto do capítulo VIII sugerido pelos *Primos*, nomeadamente a p.138:

- análise do caráter engenhoso dos arquitetos de Nero.

Excerto

Cap. VIII, p.138

“Ana fora a única a desconfiar dele desde o início. Depois de tantas peripécias, torcer um pé e não poder continuar as investigações parecia-lhes muito injusto.

- Não podemos voltar atrás – declarou André. – Começámos isto juntos, e há-de ser juntos que havemos de chegar ao fim! *É para isso que servem os primos!*

- Estava para te corrigir – disse Maria risonha. – Porque a máxima diz que *é para isso que servem os amigos*, mas gosto mais da tua versão!

- Então vamos ajudá-la a subir as escadas. Não podemos perder tempo.

André e Maria levaram as três trotinetes até ao topo das escadas e voltaram para buscar Ana. Subiram os degraus com muita dificuldade porque ela só podia apoiar um pé no chão e o túnel era muito estreito. André puxava-a pelo braço esquerdo enquanto a irmã lhe levantava a perna direita, para que não apoiasse demasiado o pé magoado. Não dava jeito nenhum subir as escadas daquela maneira, mas acabaram por conseguir.

Chegaram a um novo átrio, numa segunda galeria de subterrâneos, a um nível superior em relação aos anteriores. Assim que Maria tirou o pé do último degrau das escadas, ouviram um som estranho. Voltaram-se, rápidos e alerta. A lanterna iluminava uma pedra retangular pesada, deslizando lentamente e encerrando o acesso à escada. Não podiam voltar para trás, mesmo que quisessem.

- O degrau devia acionar uma alavanca – explicou Ana. – Os arquitetos de Nero eram muito engenhosos.”